

Alexandre Guida Navarro
Raquel dos Santos Funari
(orgs.)

MEMÓRIA, CULTURA MATERIAL E SENSIBILIDADE

estudos em homenagem a
Pedro Paulo Funari

**Alexandre Guida Navarro
Raquel dos Santos Funari
(orgs.)**

Memória, cultura material e sensibilidade

São Luís



EDUFMA

2021

Copyright © 2021 by EDUFMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho
Reitor

Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos
Vice-Reitor

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira
Diretor

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni
Prof. Dr. André da Silva Freires
Prof. Dr. Jadir Machado Lessa
Prof^a. Dra. Diana Rocha da Silva
Prof^a. Dra. Gisélia Brito dos Santos
Prof. Dr. Marcus Túlio Borowiski Lavarda
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Prof. Dr. Márcio James Soares Guimarães
Prof^a. Dra. Rosane Cláudia Rodrigues
Prof. Dr. João Batista Garcia
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
Bibliotecária Suênia Oliveira Mendes
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior



Alexandre Guida Navarro
Raquel dos Santos Funari
(orgs.)

MEMÓRIA, CULTURA MATERIAL E SENSIBILIDADE

estudos em homenagem a
Pedro Paulo Funari

São Luís



EDUFMA
2021

PACO  EDITORIAL

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues
Prof. Dr. Antônio Carlos Giuliani
Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi
Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna
Prof. Dr. Carlos Bauer
Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha
Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida
Prof. Dr. Eraldo Leme Batista
Prof. Dr. Fábio Régio Bento
Prof. Dr. Gustavo H. Cepolini Ferreira
Prof. Dr. Humberto Pereira da Silva
Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa

Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino
Prof. Dr. Juan Droguett
Profa. Dra. Ligia Vercelli
Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
Prof. Dr. Marco Morel
Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira
Prof. Dr. Narciso Laranjeira Telles da Silva
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins
Prof. Dr. Romualdo Dias
Profa. Dra. Rosemary Dore
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus
Profa. Dra. Thelma Lessa
Prof. Dr. Víctor Hugo Veppo Burgardt

Comitê Editorial para Publicações de História

Dr. Hidelberto de Sousa Ribeiro; Dra. Marileide Lázara Cassoli; Dr. Magno Francisco de Jesus Santos;
Dra. Silene Ferreira Claro; Ma. Tatiane de Jesus Chates

©2021 Alexandre Guida Navarro; Raquel dos Santos Funari

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

M533

Memória, cultura material e sensibilidade: estudos em homenagem a Pedro Paulo Funari /Alexandre Guida Navarro (Organizador), Raquel dos Santos Funari (Organizadora). – Jundiá-SP: Paco Editorial, São Luís-MA: Edufma, 2021.

596 p., il.; 16 X 23 cm

ISBN 978-65-584-0485-9 (Paco Editorial)

ISBN 978-65-898-2373-5 (Edufma)

1. Memória. 2. Cultura. 3. Pedro Paulo Funari (1959 -). 4. História. I. Navarro, Alexandre Guida (Organizador). II. Funari, Raquel dos Santos (Organizadora). IV. Título.

Janaina Ramos - Bibliotecária - CRB-8/9166

CDD: 306.098

Índice para catálogo sistemático

I. Memória : Cultura

Livro publicado em cumprimento ao termo de compromisso com terceiros, de acordo com os processos IPHAN-MA nº 01494.000294/2017-84 e IPHAN-MA nº 01494.000303/2017-37

 PACO EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiá-SP - 13208-100
11 4521-6315 | 2449-0740
contato@editorialpaco.com.br



EDUFMA

EDUFMA | Editora da UFMA
Av. dos Portugueses, 1966 – Vila Bacanga
CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil
Telefone: (98) 3272-8157
www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

Foi feito Depósito Legal

SUMÁRIO

Apresentação	9
Prefácio	13
	<i>Lucio Menezes Ferreira</i>
	<i>Andrés Zarankin</i>

PARTE 1. DEPOIMENTOS – 21

Construindo a sensibilidade: minha memória com o Professor Pedro Paulo Funari	21
	<i>Alexandre Guida Navarro</i>
O passado como ave fênix: <i>Aprendendo sobre os usos do passado</i>	39
	<i>Andrés Alarcón</i>
Experiências com Pedro Paulo Funari e a Arqueologia como uma ferramenta de ação social	47
	<i>Daniel Grecco Pacheco</i>
Funari e a Arqueologia Subaquática brasileira	61
	<i>Gilson Rambelli</i>
Memórias e aprendizados durante o percurso de doutoramento sob a orientação do Professor Dr. Pedro Paulo A. Funari	75
	<i>Isabela Barbosa Frederico</i>
O Professor Pedro Paulo Funari e a (re)fundação da Escola Arqueológica Humanista no Brasil	93
	<i>Juliana Poloni</i>
Uma homenagem ao professor Pedro Paulo Funari	101
	<i>Leilane Patricia de Lima</i>
Pedro Paulo Funari: uma justa homenagem	107
	<i>Nanci Vieira</i>
Reflections and Memories of Working with Pedro Paulo Abreu Funari	111
	<i>Siân Jones</i>

PARTE 2. PARCEIROS DE PESQUISA – 115

- A descolonização do pensamento arqueológico na América do Sul: subjetividades sul-americanas 115
Alejandro Haber
- Amazon paleoenvironment: the death of the refugium theory has not been exaggerated 145
Anna C. Roosevelt
- Some Initial Steps Toward an Archaeology of Self-Liberation 189
Charles E. Orser, Jr.
- A Incipiência Permanente: A Amazônia sob a insistente sina da incompletude 203
Eduardo Góes Neves
- Algunos temas sobre las sociedades Cazadoras-Recolectoras de la Región Pampeana y la transición Pampeano-Patagónica Oriental (Argentina) 217
Gustavo Martínez
- “Things found in nature” Glyptodons as cultural remains of the argentine past 235
Irina Podgorny
- Algumas reflexões sobre o contato e a transculturação a partir do caso de Cuba 259
Lourdes S. Dominguez
- Los dilemas del patrimonio cultural en el siglo XXI. Elementos para una discusión 281
María Luz Endere
- A cultura material do Egito Antigo no ensino fundamental 297
Raquel dos Santos Funari

Enslavement and history: An archaeological perspective
on the sensibility of memory at the Loyola cemetery
in French Guiana 309
Réginald Auger

Unlocking Essences and Exploring Networks:
Experiencing Authenticity in Heritage Education Settings 327
Siân Jones

Darwinian Archaeology 357
Stephen Shennan

PARTE 3. ARTIGOS DE EX-ALUNOS – 365

O Teatro Romano de Sagunto: poder e cultura 365
Carlos Eduardo da Costa Campos

A Arte do Sonho: Arqueologia urbana em Santarém,
Baixo Amazonas 383
Denise Maria Cavalcante Gomes

Avaliação do Impacto da Socialização do Patrimônio
Arqueológico: público alvo - funcionários de obra
de engenharia civil 401
Fabiana Manzato

Relatos de un pasado olvidado: descripciones de las ruinas
de Kaminaljuyu, Guatemala (siglos XVII al XIX) 419
Fernando Pesce

Bioarqueología de Los Niños en el Claustro de Santo
Domingo (Cartagena de Indias) en el Periodo Colonial 435
Javier Rivera Sandoval

Docência e a Práxis Arqueológica no Sul do Sul 453
Louise Prado Alfonso

Desembarques clandestinos de africanos escravizados em Ubatuba: facetas de um olhar arqueológico	471
	<i>Luciana Bozzo Alves</i>
Sobre consumo, acumulação e o destino das coisas em tempos de coronavírus	487
	<i>Manuelina Maria Duarte Cândido</i>
O Diálogo de Jesus com uma Mulher Samaritana (Jo 4, 1-30)	505
	<i>Maria Aparecida de Andrade Almeida</i>
Disputas sobre Jesus: o Corão como Testemunha e Partícipe	523
	<i>Pedro Lima Vasconcellos</i>
Paulo e as Comunidades Urbanas: A Cidade e o Cristianismo Paulino no Mediterrâneo Oriental no Primeiro Século	545
	<i>Roberta Alexandrina da Silva</i>
Proteção e sustentabilidade: as políticas de fomento ao Turismo Cultural e a preservação do patrimônio	563
	<i>Sandra C. A. Pelegrini</i>
Sobre os autores	581

SOBRE CONSUMO, ACUMULAÇÃO E O DESTINO DAS COISAS EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

Manuelina Maria Duarte Cândido

Há alguns meses o mundo inteiro está enfrentando um de seus maiores desafios, a pandemia de coronavírus. A doença trouxe com ela medidas sem precedentes em escala mundial, como o confinamento progressivo de grandes massas populacionais. A Índia colocou uma população de 1,3 bilhões de pessoas em confinamento. Tais iniciativas em tempos de *internet* e redes sociais, em que cada pessoa portadora de um computador ou celular com acesso à internet se torna também produtora de conteúdos, por sua vez, cria uma enorme circulação de dados e tem transformado hábitos de sociabilidade e de consumo, entre outros. Ao final do processo, no qual ainda estamos imersos, talvez alguns destes novos hábitos fiquem, e precisaremos estudar de forma mais sistemática seu impacto no comportamento humano.

Neste momento, ainda imersa na situação desestabilizadora de não saber quando a vida vai se ‘normalizar’, não pude deixar, de ao escrever este texto, que pretendia fazer sobre o projeto de pesquisa Os sentidos, os tempos e os destinos das coisas, relacioná-lo com a situação concreta vivenciada em todo o planeta, que nos obriga a rever nossa relação com as coisas (Ingold, 2012). Antes de tudo gostaria, então, de apresentar em linhas gerais o projeto, desenvolvido na Universidade Federal de Goiás.

Ele se inspira do conceito amplo de Arqueologia defendido por Funari, que a desvincula da escavação como princípio, e a compreende como a ciência que estuda, por meio da cultura material, os sistemas socioculturais, sua estrutura, funcionamento e transformações (Funari, 1988). Com esta compreensão da Arqueologia como “o conhecimento derivado dos objetos” (Funari, 2012, p. 1), evitando defini-la pelos seus métodos, Pedro Paulo Funari acolheu pesquisas que pensavam outros aspectos até então pouco evidentes para a Arqueologia brasileira, e assim foi com minha dissertação de mestrado, realizada sob sua orientação (Duarte Cândido, 2004).

Participar deste livro agora oferece-me a oportunidade de fazer uma singela homenagem, dando conta de meus interesses atuais de

pesquisa, que continuam tensionando barreiras disciplinares. Para além da Arqueologia, o projeto de pesquisa *Os sentidos, os tempos e os destinos das coisas* bebe também em outras áreas, como a Museologia, entendida como uma área que se interessa pelos “destinos das coisas” (Bruno, 2009). Estas coisas são particularmente interessantes para o projeto quando sua trajetória as faz passar à categoria de restos, o que “subsiste quando a ação é concluída e são apagadas as lembranças daquilo que havia sido realizado” (Descola *in* Debary, 2017, p. 06).

A pesquisa compreende três frentes principais:

- 1 - Levantamento, discussão e articulação da bibliografia referente à matéria em diferentes disciplinas, sendo as principais Arqueologia, Antropologia, História e Museologia, mas também *Design*, Ecologia e outras;
- 2 - Reflexões, a partir destas diferentes abordagens disciplinares, por meio de estudos bibliográficos e do confronto com estudos de caso, para a possível construção de uma teoria da seleção ou da filtragem e de uma pedagogia da parcimônia, em diálogo com áreas como *discard studies* e garbologia;
- 3 - Investigação empírica do percurso ou biografia de exemplares da cultura material, notadamente de acervos etnográficos e arqueológicos, voltada para a segunda existência das coisas, a partir de etnografias dos processos de colecionamento, patrimonialização e musealização. Nesta terceira vertente, destaco o interesse por investigações acerca do consumo, acumulação e descarte, práticas e políticas de aquisição e descolecionamento por parte dos museus e, finalmente, o projeto *Presença Karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais, que está cartografando as trajetórias das ritxokos, bonecas karajá, entre aldeias e museus.*” (Duarte Cândido *in* Duarte Cândido; Wichers; Collaço, 2017, p. 40)

Entre as áreas disciplinares que se entrecruzam de maneira marcante neste projeto, a História, a Arqueologia e a Museologia são aquelas em que segui formação acadêmica, mas há uma predominância recente da Antropologia, área em que não tenho titulação, a não ser indiretamente, se pensarmos a Arqueologia como um dos quatro campos da Antropologia, de acordo com Boas¹.

1. Franz Boas foi um dos pioneiros a pensarem o projeto conhecido como *four-*

Minha aproximação maior com a Antropologia ocorre quando do início da docência na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, em junho de 2009. Como primeira professora de Museologia concursada e nomeada para finalizar o trabalho de elaboração e implantação do projeto pedagógico do Bacharelado em Museologia que viria a receber sua primeira turma em 2010, trabalhei intensamente com antropólogos, especialmente aqueles ligados ao Museu Antropológico da UFG e à comissão de implantação do curso de Museologia, que partiu de sua iniciativa. Desde então esta parceria só se estreitou, levando-me a desenvolver projetos de pesquisa no Museu, a participar de seus diferentes colegiados como o Conselho Consultivo e a Comissão de Acervo e a exercer um cargo de Coordenadora da Integração entre o Museu Antropológico e o Bacharelado em Museologia da UFG. Finalmente, ingressei em 2017, no corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFG).

Na Antropologia, também ela uma área multifacetada, diversas vertentes podem contribuir para a pesquisa que venho realizando, entre elas a Antropologia dos Objetos, a Antropologia do Consumo e os estudos ligados ao campo do Patrimônio, além da recém-aparecida Antropologia dos Restos (Debary, 2017).

Privilegio aqui abordagens da Arqueologia como disciplina que estuda, a partir do registro arqueológico, a integração da cultura material nos processos sociais de construção da realidade (Criado-Boado, 2012, p. 2), ou como campo que opera centralmente com os conceitos de materialidade e cultura material. Para diferenciá-los, recorro a Souza (2017), que elege a noção de materialidade por esta, em sua acepção, extrapolar a “ideia de objeto-artefato para incluir as apropriações, transformações e simbolizações das coisas e do meio natural (inclusive abiótico) pelos diversos grupos humanos” (Souza, 2017, p. 70).

Busco aprofundar a compreensão de conceitos como “história de vida de uma população de artefatos”, adotado por Melquíades (2014, p. 231), “vida social das coisas” (Appadurai, 2008), vida dos objetos (Bonnot, 2002, 2014), entre outros.

-field anthropology, segundo o qual a Arqueologia é, juntamente com a Linguística, a Etnologia e a Antropologia Física, um dos quatro campos da Antropologia. A Arqueologia Europeia, entretanto, aproxima-se mais dos estudos clássicos e da História da Arte.

Das três vertentes do projeto mencionadas anteriormente, sabidamente muito amplas, a que mais me interessa abordar neste texto é a segunda, pois, como afirmei acima, esta escrita foi muito influenciada pelo contexto de confinamento de restrições devido à pandemia de coronavírus, o que intensificou minhas reflexões sobre a necessidade de teorizar seleção, filtragem e parcimônia².

Este projeto traça paralelos entre os processos de patrimonialização, que envolvem, inexoravelmente, atribuição de relevância, seleção e exclusão, e as escolhas do cotidiano em torno do que consumir, guardar, reparar, consertar, descartar (Cardoso, 2014; Baudrillard, 1993; Douglas; Isherwood, 2013; Leonard, 2011; Miller, 2013, entre outros). Estes atos, especialmente o consumir e o descartar, ocorrem de maneira cada vez mais acelerada e inconsciente (Wallman, 2017), sob influência da mídia, da obsolescência programada e simbólica dos objetos (pela moda, por exemplo), estimuladas pelo turbocapitalismo (Luttwak, 2001). A quarentena, entretanto, está confrontando nossa sociedade com reflexões mais profundas sobre o que são serviços e produtos essenciais, e tempo é o que não nos falta para buscar ressignificar o que já possuímos em nossas casas e dar uma segunda vida àquilo que facilmente seria descartado se as possibilidades de novas aquisições não estivessem sendo artificialmente limitadas.

A imprudência desse superconsumo teve um papel importante na degradação ambiental. O cancelamento dos vôos e a restrição radical do transporte e da circulação tem tido consequências positivas no que diz respeito às emissões de gases com efeito de estufa. A qualidade do ar em Wuhan melhorou muito, como também em muitas cidades dos EUA. Os locais voltados ao ecoturismo terão tempo para se recuperar dos pisoteados. Os cisnes voltaram para os canais de Veneza. Na medida em que o gosto pelo consumo excessivo imprudente

2. Emprego o termo parcimônia diferenciando-o de austeridade. Embora possam parecer muito próximos, políticas de austeridade têm sido implantadas em diversos países com o sentido de diminuir investimentos públicos em saúde e segurança social, sem que isto representasse diminuição do socorro a bancos e ao grande capital. Parcimônia é usada aqui como o sentido de uma sobriedade que é alcançada juntamente (e não em contradição) com a valorização da dignidade humana, do bem comum e do bem viver.

e sem sentido é refreado, pode haver alguns benefícios a longo prazo. (Harvey *in* Davis *et al* , 2020, p. 22)

Cabe ressaltar que tenho consciência de que as reflexões aqui postas não se referem à totalidade da população mundial, e que esta pandemia além de evidenciar as profundas desigualdades sociais, está atingindo mais radical e tragicamente os mais pobres³. Em um mundo tão estratificado socialmente é preciso sempre guardar as ressalvas e, como agora, entender que o direito ao confinamento e o trabalho remoto têm sido privilégios de poucos.

Preocupações centrais deste projeto como levar à uma consciência sobre os objetos ao nosso redor com o objetivo de evitar o consumo irrefletido e promover o que tenho chamado de uma pedagogia da parcimônia, não se aplicam a quem não tem acesso aos bens de consumo e luta todos os dias para ter o que comer. No sistema capitalista, obviamente, o poder de escolha está condicionado pelo poder aquisitivo. Por outro lado, a lógica do capital é avessa à parcimônia, à reflexividade e à empatia (ao invés desta, fica implícito um certo darwinismo social). Daí a relevância de estimularmos as classes sociais que em alguma medida possuem poder de escolha a adotarem estratégias da chamada Economia Regenerativa: consumo consciente, privilegiando o comércio equitativo (*fairtrade*), ciclos curtos, desenvolvimento sustentável e outras práticas que contribuem para desacelerar os processos de acumulação do capital em cada vez menos indivíduos e de destruição do planeta.

3. “Segundo dados da ONU Habitat, 1,6 mil milhões de pessoas não tem habitação adequada e 25% da população mundial vive em bairros informais sem infraestruturas nem saneamento básico, sem acesso a serviços públicos, com escassez de água e de eletricidade. Vivem em espaços exíguos onde se aglomeram famílias numerosas. Em resumo, habitam na cidade sem direito à cidade, já que, vivendo em espaços desurbanizados, não têm acesso às condições urbanas pressupostas pelo direito à cidade. (Santos, 2020, p. 18) Hoje, 45% da força de trabalho não possui cobertura para ausência remunerada em caso de doença (Davis *in* Davis *et alli*, 2020, p. 09) em situação normal, e mesmo apoios pontuais definidos em virtude do coronavírus são insuficientes e tardam a chegar, além de outros complicadores como a dificuldade em comprovar que o interessado exercia uma atividade econômica antes da crise, devido aos grandes índices de trabalho informal. A crise não é vivida da mesma maneira por todos, dependendo de fatores como classe, raça e gênero. E mesmo de país a país a virulência do vírus varia de acordo com as condições econômicas, sanitárias e o sistema de saúde em questão.

Vivemos agora o Antropoceno, “a era em que destruímos o planeta” (Criado, 2018), ou, mais cientificamente, a era da transformação radical dos ecossistemas terrestres pela ação humana. Nesta era, os despossuídos são os que menos provocam estes impactos, ao contrário, são duramente atingidos por eles, tornando-se, por vezes, refugiados ambientais, após diásporas causadas pelo total esgotamento das condições de sobrevivência humana em alguns lugares da Terra. Na Museologia, pelo menos desde a Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), trabalha-se com o conceito de museu integral ou integrado, que diz respeito a perspectivas mais integradas de preservação, em que as referências patrimoniais não são cuidadas senão em função da preservação da população que as constrói e que a elas dá sentido. A sabedoria indígena valoriza a preservação de maneira mais integrada, como aponta Ailton Krenak: “Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos.” (Krenak, 2019, p. 24) Enquanto isto, os não índios sempre opuseram a este pensamento a impossibilidade de parar o progresso⁴.

4. O entendimento de progresso e preservação como opostos desconsidera a fragilidade de um desenvolvimento que tem por base a destruição do único planeta que temos para viver. Entretanto, “A primeira lição da pandemia do coronavírus é também a mais espantosa. De fato, ficou provado que é possível, em questão de semanas, suspender, em todo o mundo e ao mesmo tempo, um sistema econômico que até agora nos diziam ser impossível desacelerar ou redirecionar. A todos os argumentos apresentados pelos ecologistas sobre a necessidade de alteração do nosso modo de vida, sempre se opunha o argumento da força irreversível do ‘trem do progresso’, que nada era capaz de tirar dos trilhos, ‘em virtude’, dizia-se, ‘da globalização’. Ora, é justamente seu caráter globalizado que torna tão frágil o famoso desenvolvimento, o qual, ao contrário, pode sim ser desacelerado e finalmente parado.” (Latour, 2020) O autor sugere então que nós aproveitemos a ‘deixa’ da pandemia para após sua superação mantermos resistência em alguns ‘gestos de barreira’ não somente ao vírus, mas a um modo de produção que já se mostrava insustentável. Chamando a uma contestação não somente das formas de distribuição, mas de produção dos bens, Latour prossegue: “É que a injustiça não se limita apenas à redistribuição dos frutos do progresso, mas à própria maneira de fazer o planeta produzir frutos. O que não significa viver de amor ou de brisa, mas aprender a **selecionar** cada segmento deste famoso sistema pretensamente irreversível, a **questionar** cada uma das conexões supostamente indispensáveis e

Muitos outros intelectuais questionam as fronteiras artificiais colocadas entre diferentes categorias de patrimônio ou mesmo entre natureza e cultura e isto é evidenciado em leituras que problematizam, contemporaneamente, os chamados ‘desastres naturais’, inclusive, a eclosão de uma pandemia como a que estamos vivendo:

Há muito tempo eu tinha recusado a ideia de “natureza” como alheia e separada da cultura, economia e cotidiano. Eu tenho uma visão mais dialética e relacional da ligação metabólica com a natureza. (...) Deste ponto de vista, não existe um verdadeiro desastre natural. Os vírus mudam o tempo todo. Mas as circunstâncias nas quais uma mutação se torna uma ameaça à vida dependem das ações humanas. (Harvey in Davis *et al* 2020, p. 15)

A preservação integrada de tudo o que está ao nosso redor deve fazer parte do esforço para a preservação da própria Humanidade, visto que “De acordo com estudos científicos publicados antes da pandemia, a desflorestação e a perda de habitats estão associadas ao aparecimento de doenças infecciosas humanas que surgiram nos animais” (Serafim, 2020). Assim, seria o trânsito maior de espécies exóticas para perto dos aglomerados urbanos e a destruição de ambientes naturais que são escudos entre os seres humanos e zoonoses em áreas ainda não contactadas, que estariam potencializando o risco de surgimento de novos surtos epidêmicos.

O debate em torno da tradução para português e outras línguas do conceito de *museo integral* formulado em espanhol foi alimentado sobretudo pela consciência da impossibilidade de preservar tudo (Duarte Cândido, 2003), visto que a musealização se sustenta em processos de atribuição de valores, seleção, exclusão, descarte, ressignificação, descontextualização e recontextualização. Por estas características, rapidamente associei-a à proposta de uma teoria da seleção ou da filtragem, de Umberto Eco (Giron; Eco, 2011), interessando-me em provocar reflexões sobre o papel da Museologia para a construção dessa possível teoria. Esta área tem sido definida como o

a **experimental**, pouco a pouco, o que é desejável e o que deixou de sê-lo.” (Latour, 2020, grifos meus). Chamo a atenção para o fato de que as atitudes preconizadas pelo autor para este novo tempo são exatamente as mais centrais no *metier* da Museologia: selecionar, questionar, experimentar.

estudo da relação entre o homem e o objeto em um cenário (Rússio, 1990), mas também como área que se preocupa com o destino das coisas (Bruno, 2009) e com a atribuição e transmissão da relevância (Cardoso, 2014). Ela lida com o conceito de musealidade (Stránský *in* Mairesse, 2019), valor específico que leva os objetos a serem preservados, estudados e apresentados, ou a qualidade que leva as coisas a serem musealizadas a partir do momento em que seu valor museal exige sua extração do contexto de origem. As práticas museais envolvem, como já destacado, seleção, colecionamento e descartes, perseguindo a elaboração de critérios e a legitimidade social de sua existência, além de buscar escapar do risco da acumulação como fim em si mesma (algo que já foi chamado de colecionite por alguns estudiosos, de maneira a reforçar seu aspecto patológico).

Ocorre que o ser humano também pode padecer desta colecionite, e uma vida pode ser insuficiente para aprender pela prática que os recursos e espaços são finitos e que a insaciedade do colecionador gera, a cada nova aquisição, um novo desejo que amplia a sensação de incompletude. Alguns indivíduos só percebem no fim da vida que sequer seus herdeiros terão interesse em dar continuidade ou ao menos uma proteção digna a objetos colecionados com tanto desvelo. Os museus são um destino idealizado, e nem todas as coleções possuem, para a coletividade e para a instituição pública, interesse equivalente ao de um particular apaixonado. Mesmo entre os que não são colecionadores, a parcimônia é também uma virtude que só é aprendida, muitas vezes, na velhice. Em países como a Suécia começa a haver um movimento de triagem das coisas como preparação para a morte (Magnusson, 2019). O risco destas leituras e reflexões é enveredar pela autoajuda, mas o tema é cada vez mais relevante, pois no mundo contemporâneo todos, especialmente os mais jovens, são bombardeados com estímulos ao consumo e raramente resistem ao sedutor discurso de que determinados bens, por seu valor simbólico, permitem ingressar ou manter-se inserido em um grupo social. Portanto, o mais curioso é que podemos associar o apego aos objetos como materialismo, mas há inúmeros aspectos muito mais do campo do intangível e do imaterial envolvidos em determinadas escolhas e aquisições, pois é o que um objeto ou marca representa que o diferencia de outro bem material capaz de produzir o mesmo efeito utilitário mas não simbólico (D'Avella, 2016).

Aprender com a história de voracidade dos museus a ter consciência dos jogos de poder envolvidos na atribuição de relevância e também a perceber as coisas em longa duração, escapando ao imediatismo que favorece o consumo compulsivo, é algo que eu busco estimular com este projeto. E isto parece ainda mais incontornável agora:

Daí a importância fundamental de usar este tempo de confinamento imposto pela pandemia para descrevermos, primeiro cada um por si, depois em grupo, aquilo a que somos apegados, aquilo de que estamos dispostos a nos libertar, as cadeias que estamos prontos a reconstituir e aquelas que, por meio do nosso comportamento, estamos decididos a interromper. (Latour, 2020)

Ficamos isolados em nossas casas (ao menos aqueles que possuem casas) e com as alternativas de consumo limitadas ao essencial. Diversos setores podem não ser mais os mesmos após a reabertura: como será o turismo pós-pandemia⁵? Como serão os museus? Como se realizarão os grandes eventos esportivos e os congressos científicos?

Para Krenak,

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluímos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver. (Krenak, 2019, p. 23)

Esta crise sanitária parece ter vindo para nos ensinar que é preciso pensar uma nova economia e novas formas de organização que

5. As tendências já apontam um crescimento das *comfort travels* em detrimento do turismo de massa e de luxo.

não privilegiem somente o lucro. Foi a lógica do lucro uma das responsáveis por nos deixar tão vulneráveis a este pequeno inimigo, ou como explicar que as grandes potências, sabendo há anos que o modo de vida atual baseado em alta concentração habitacional em lugares cada vez mais poluídos, a desflorestação, a perda da biodiversidade e os grandes trânsitos humanos em um mundo globalizado faria surgir e disseminar rapidamente novas doenças ligada ao ar, à respiração, e ainda assim, diminuíram os investimentos em saúde?

De acordo com a Associação Hospitalar Americana, o número de leitos hospitalares diminuiu extraordinariamente em 39% entre 1981 e 1999. O objetivo era aumentar os lucros aumentando o “censo” (o número de leitos ocupados). Mas a meta da gerência de 90% de ocupação significava que os hospitais não tinham mais capacidade de absorver o fluxo de pacientes durante epidemias e emergências médicas.” (Davis *in* Davis *et al.*, 2020, p. 08)

Este autor explica ainda como a precarização dos trabalhadores do setor de cuidados a idosos nos Estados Unidos agiu na disseminação do vírus de um asilo a outros, e a acelerou, porque eles possuíam muitos empregos. No mundo contemporâneo, não apenas não trabalhamos para viver e consumir, mas vivemos para trabalhar e o trabalho nos consome e nos mata pouco a pouco. O estabelecimento da necropolítica como vetor das decisões governamentais nunca foi tão evidente quanto na situação em que o Presidente da República do Brasil justifica a troca do Ministro da Saúde em plena pandemia, “porque ele pensava quase exclusivamente na vida”, deixando em segundo plano o socorro à economia. Este processo de “uberização do mundo”, como é chamado por Débora Diniz, desampara a todos (Marques; Diniz, 2020). Para a antropóloga, a precarização, ainda mais aprofundada pela crise sanitária global, servirá para estabelecer novos valores no pós-pandemia. Que valores serão estes?

Como os museus que em sua longa trajetória desenvolveram uma pedagogia ligada à atribuição de valores e relevância podem nos ajudar a pensar sobre nossos próprios destinos? De que forma os museus e a Museologia darão vazão a sua vocação mais profunda, que entende que a Museologia que não serve para a vida, não serve para nada (Minom, 2017)?

No futuro pós-pandemia, os museus servirão, como sempre, para pensar sobre erros e acertos do passado, a fim de rever e reconstruir um futuro que não pode / não deve ser mais do mesmo. No fundo, não é diferente do que desejávamos dos museus até ontem, mas a iminência de morte/hecatombe nos confronta com o que é mais relevante, tornando-o mais urgente. Para enfrentar o desafio de se reinventarem após a crise, os museus podem olhar para aquilo de mais profundo em sua essência: serem lugares de encontro, de diálogo, de despertar do que há de mais humano em nós. Assim, não será difícil reocupar seu papel na sociedade proporcionando, após o confinamento, o reencontro da sociedade com espaços públicos, com seres humanos diversos, com objetos, imagens e indícios de outros lugares que pareciam tão próximos e banalizados pela facilidade maior das viagens e acesso digital, mas que tornaram a ter uma aura especial pelo impacto da proibição dos deslocamentos. A tendência ao sair do isolamento social, ao menos em um primeiro momento, é que se valorizem mais as experiências. E os museus são por definição o lugar da experiência, que não pode ser simplesmente substituída pela visita virtual. Eles também poderão ser muito relevantes na proposição de reflexões sobre o que mudou com a pandemia, realizando o que fazem de melhor: provocar novos olhares a partir da aproximação do que é distante e do deslocamento e desnaturalização do que é por demais familiar.

Assim, ao mesmo tempo em que a epidemia expõe a fragilidade do nosso sistema (Noyon; Giraud, 2020; Maakaroun; Krenak, 2020), ela pode ser uma oportunidade para o mundo se reinventar (Le Bailly; Courage; Morin, 2020). Segundo Krenak, em entrevista a Bertha Maakaroun, este momento de suspensão, de recolhimento e de silêncio devido ao isolamento social pode servir para um despertar em relação à ameaça de “extinção dos sentidos de nossas vidas”. Krenak alerta que construímos uma sociedade em que o consumo tomou o lugar da cidadania e em que a privação do sentido de viver é tão naturalizada que não se tolera

quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo.
(...) O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibili-

dade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos.
(Krenak *in* Maakaroun; Krenak, 2020)

E aqui retomo mais uma vez os museus como lugar agora não somente do aprendizado e da reflexão, mas do prazer e do lúdico. É inevitável pensar em todas estas potencialidades dos museus como espaços que reúnem não somente coisas, mas pessoas, e proporcionam experiências, aguçam sensibilidades, estimulam a criação de laços. Estamos em tempos em que vínculos e solidariedade são fundamentais. Morin, em entrevista a Le Bailly e Courage, aponta que a globalização não criou, como seria necessário, uma solidariedade internacional e nem alavancou a compreensão entre os povos, embora tenha criado interdependência. A seu ver, o vírus agora desnuda estas ausências e a necessidade de organismos comuns para atuar na escala de uma pandemia (Le Bailly; Courage; Morin, 2020).

Boaventura de Sousa Santos indica que se a pandemia nos coloca diante de uma “estranha comunhão de destinos” (Santos, 2020, p. 07) não seriam possíveis outras? Junto-me a ele para interrogar: e os museus se acomodarão no papel de representação das formas de humanidade ou assumirão sua potência de ser também um vetor de transformação? Nossa sociedade, ainda que tardiamente, passa a buscar novas relações com o consumo: consciência, prática do desapego, circuitos curtos, menor impacto ambiental das escolhas e modos de vida. Experimentar/estimular a tomada de consciência sobre a atribuição de relevância e a substituição do reflexo pela reflexão são caminhos que, a meu ver, a Museologia pode propor para o alcance destes objetivos.

Considerações finais

A Museologia carrega o potencial de se voltar não apenas para o passado, mas também para o futuro. A pedagogia museológica, que Bruno (2006) adverte ser capaz de levar à reflexão crítica sobre as escolhas e também sobre sua reversibilidade, indica que esta área não apenas socializa os resultados do que já foi preservado e de, portanto, do seu saber-fazer, mas também é capaz de compartilhar procedimentos técnico-metodológicos e mesmo suas formas de pensar e de conduzir processos. A pedagogia museológica é,

portanto, uma espécie de metamuseologia. Aplicada também à reflexão sobre nossa relação com as coisas não musealizadas, ela me parece conduzir a uma 'vulgarização', no bom sentido do termo, muito necessária à Museologia, mas ainda muito distante do nosso cotidiano e do interesse de grande parte da população. A Museologia, com toda sua experiência, tem muito a nos ensinar sobre porque é importante escapar dos excessos.

Contemporaneamente, os museus desenvolveram uma série de reflexões que partem da percepção de que seus recursos para gerir os bens colecionados são limitados e que mais vale dar sentidos às coleções, que almejar um acervo numericamente robusto. Assim, são sistematizadas políticas de aquisição, com critérios pensados para evitar incorporações desnecessárias e posterior descarte. Há uma busca de racionalização da aquisição, que não ocorre mais irrefletidamente. Lidando há muito tempo com os problemas do acúmulo, com apego e desapego, os museus podem contribuir para a construção da teoria da seleção e da pedagogia da parcimônia.

Entendo que estas ideias se coadunam com o chamado a despertar feito por alguns mestres que estão atentos à iminente exaustão do planeta Terra:

Nada melhor que os museus e sua filosofia, a Museologia, tão habituados a lidar com aquilo que transcende a existência humana, para nos iluminarem neste despertar. Economistas em todo o mundo indicam como única saída a longo prazo a adoção de um novo modelo baseado em maior distribuição de renda, proteção social, diminuição do consumo, especialmente de luxo e de viagens, agricultura mais sustentável e regeneradora da biodiversidade. Este modelo, preconizado por alguns países como a Holanda, seria baseado no decrescimento. Os aspectos elencados parecem conduzir a um 'retorno' a práticas mais tradicionais de existência no mundo, muitas delas esquecidas e das quais restam apenas vestígios em museus (tradicionais ou não, como ecomuseus e museus comunitários).

É, em alguma medida, revolucionário pensar que se a economia mundial se encontra abalada simplesmente porque as pessoas estão comprando apenas o que necessitam, isto pode ser muito pedagógico para todos em relação aos padrões de consumo e ao sistema no qual estamos inseridos:

Os cidadãos sabem agora o que está em causa. Haverá mais pandemias no futuro e provavelmente mais graves, e as políticas neoliberais continuarão a minar a capacidade do Estado para responder, e as populações estarão cada vez mais indefesas. Tal ciclo infernal só pode ser interrompido se se interromper o capitalismo. (Santos, 2020, p. 25)

A pandemia mostrou que governos e populações possuem grande capacidade de mobilização, mas que ela é colocada a serviço somente do que provoca letalidade mais imediata, tanto que antes, mesmo diante dos apelos ligados às causas ambientais, a sociedade nunca achou viável frear determinadas atividades para salvar o planeta, mesmo que disso dependa nossa própria sobrevivência. Santos afirma que a “crise climática não suscita uma resposta dramática e de emergência como a que a pandemia está a provocar” (Santos, 2020, p. 23), apesar de só uma de suas facetas, a poluição atmosférica, provocar anualmente 7 milhões de mortes em todo o mundo. Entretanto,

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI. (Santos, 2020, p. 29)

O autor também questiona se esta prioridade dada momentaneamente à defesa da vida (pelo menos por alguns governos e cidadãos) vai ter sequência após os momentos de maior risco (Santos, 2020, p. 30).

Apesar de tentarmos pensar de forma otimista que tantas perdas humanas ao menos nos ensinarão a sermos seres humanos melhores, nem tudo sobre o pós-pandemia é boa notícia: ela transformou a relação das pessoas com o espaço público em uma certa desconfiança que pode abalar iniciativas de organização de manifestações públicas e protestos. Fomos persuadidos a concordar com o uso ampliado de estratégias de vigilância e com o estabelecimento de mecanismos de controle social mais sofisticados, inclusive com

uso de dados de localização dos telefones celulares, em alguns países, e não sabemos se, como e quando isto será eliminado. Como os governos e as grandes corporações farão uso destes mecanismos e estratégias não mais por nós, mas contra nós? A ânsia por consumo pode ter arrefecido em alguns casos, mas pode apenas estar represada esperando sofregamente a reabertura – a notícia de uma loja de luxo na China que faturou US\$ 2,7 milhões apenas em um dia após a reabertura correu o mundo.

São muitos questionamentos, mas está claro que nossa relação com as coisas, com o mundo ao nosso redor e com o outro não será mais a mesma. Fico com a sabedoria indígena de Ailton Krenak em seu mais recente ensaio:

Quando engenheiros me disseram que iriam usar a tecnologia para recuperar o rio Doce, perguntaram a minha opinião. Eu respondi: ‘a minha sugestão é muito difícil de colocar em prática. Pois teríamos de parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a cem quilômetros nas margens direita e esquerda, até que ele voltasse a ter vida. Então um deles me disse: ‘mas isso é impossível, o mundo não pode parar’. E o mundo parou. (Krenak, 2020)

Referências

- APPADURAI, Arju. **A vida social das coisas**. RJ: EDUFF, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993.
- BONNOT, Thierry. **L'attachement aux choses**. Paris: CNRS Éditions, 2014.
- BONNOT, Thierry. **La vie des objets**. Paris: Editions de la Maison des sciences de l'homme, 2002.
- BRUNO, Cristina. “Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios”. *In*: GRANATO, Marcus; RANGEL, Márcio F. (orgs.) **Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 14-25. (Livro eletrônico)
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. “Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória”. *In*: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (Org.). **As Várias Faces do Patrimônio**. Santa Maria: Pallotti, 2006. p. 119-140.

CARDOSO, Pedro Manuel. **O que é a Museologia?** Lisboa: IGAC, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2P1sIDH>. Acesso em: 14 abr. 2020.

CRIADO, Miguel Angel. "Antropoceno, la era en la que destruimos el planeta" *In: El País*, 27 de maio de 2018. Disponível em: <http://bit.ly/3lkany5>. Acesso em: 14 abr. 2020.

CRIADO-BOADO, Felipe. **Arqueológicas: la razón perdida**. Barcelona: Bellaterra, 2012.

D'AVELLA, Matt. **Minimalismo: um documentário sobre as coisas importantes**. 2016. Disponível em linha em: <https://bit.ly/3bSvPXW>. Acesso em: 12 abr. 2020.

DAVIS, Mike, *et al.* **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

DEBARY, Octave. **Antropologia dos restos: da lixeira ao museu**. Pelotas: UM2, 2017.

Movimento Internacional por uma Nova Museologia [MINOM]. *Declaração de Córdoba: A Museologia que não serve para a vida, não serve para nada*. Córdoba, Argentina: XVIII Conferência Internacional do MINOM, 2017.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. "Lições da musealidade ou a Museologia como uma teoria da seleção". *In: NAZOR, Olga; ESCUDERO, Sandra; CARVALHO, Luciana Menezes de (eds.). Musealidad y patrimonio en la teoría museológica latinoamericana y del Caribe - Anais do XXIV Encontro do ICOFOM-LAM*. Avellaneda: UNDAV Ediciones, 2018.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. "Sobre os sentidos, os tempos e os destinos das coisas". *In: DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; WICHERS, Camila A. de Moraes e COLLAÇO, Janine H. Leicht (orgs.). Patrimônios culturais: entre memórias, processos e expressões museais*. Goiânia: CEGRAF, 2017. p. 30-60. Disponível em linha em: <https://bit.ly/3cwWLeM>. Acesso em: inserir acesso.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Arqueologia musealizada: patrimônio cultural e preservação em Fernando de Noronha**. 2004. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro**. Lisboa: ULHT, 2003. (Cadernos de Sociomuseologia, 20).

FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia: uma trajetória muito particular**.

Revista Tempos Acadêmicos, Dossiê Arqueologia Histórica, nº 10, 2012, Criciúma, SC. p. 1-3. Disponível online em: <http://bit.ly/3eQqVwt>. Acesso em: 11 de abril de 2020.

GIRON, Luís Antônio; ECO, Umberto. “Umberto Eco: ‘O excesso de informação provoca amnésia’”. **Época**, 30 de dezembro de 2011. Disponível em linha em: <https://glo.bo/2OVSBVM>. Acesso em: 13 de janeiro de 2017.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan/jun 2012.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. “Imaginando gestos que barrem o retorno ao consumismo e à produção insustentável pré-pandemia” *In*: **ClimaInfo**, 02 de abril de 2020. Disponível em linha em: <http://bit.ly/3rRNkx2>. Acesso em: 25 abr. 2020.

LE BAILLY, David ; COURAGE, Sylvain ; MORIN, Edgar. « Edgar Morin : ‘Le confinement peut nous aider à commencer une détoxification de notre mode de vie’. *In* : **L’Obs**, 18 de março de 2020. Disponível em linha em: <http://bit.ly/30MiWZ5>. Acesso em: 19 abr. 2020.

LEONARD, Annie. **A história das coisas: da natureza ao lixo, o que acontece com tudo que consumimos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LUTTWAK, Edward. **Turbocapitalismo: perdedores e ganhadores na economia globalizada**, São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

MAAKAROUN, Bertha; KRENAK, Ailton. “‘O modo de funcionamento da humanidade entrou em crise’, opina Ailton Krenak”. *In*: Estado de Minas, 03 de abril de 2020. Disponível em linha em: <http://bit.ly/38NTDtM>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MAGNUSSON, Margareta. **A Arte Sueca de Deixar a Vida em Ordem**. Lisboa: Quetzal Editores, 2019.

MAIRESSE, François (Org.). **Zbynek Stránský et la muséologie**. Paris: l’Harmattan, 2019.

MARQUES, Marília; DINIZ, Débora. “Como será o mundo pós pandemia? Pesquisadora da UnB aposta em novos valores para humanidade”. *In*: **G1 - Distrito Federal**. Disponível em linha em: <http://glo.bo/3eGKXt7>. Acesso em: 19 abr. 2020.

MELQUÍADES, Vinicius. Em território desconhecido: sobre o abandono de seres e coletivos. **Revista de Arqueologia**. São Paulo, v. 26, n. 2/v. 27, n. 1, 2014. p. 216-235.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NOYON, Rémi ; GIRAUD, Gaël. « Gaël Giraud : 'Avec cette pandémie, la fragilité de notre système nous explose à la figure' » *In*: BibliObs, 20 de março de 2020. Disponível em linha em: <http://bit.ly/2PZ710X>. Acesso em: 16 abr. 2020.

RÚSSIO, Waldisa. Conceito de cultura e sua interrelação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro, n. 3, 1990. p. 7-12.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SERAFIM, Teresa Sofia. "Como a perda de biodiversidade tem impacto nos surtos de doenças infecciosas" *In*: **Público**, 29 de março de 2020. Disponível em linha em: <http://bit.ly/30MH0L4>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

SOUZA, Rafael de A. **Um lugar na caatinga: consumo, mobilidade e paisagem no semiárido do Nordeste brasileiro**. 2017. 379f. Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade), Universidade de Campinas -IFCH, Campinas.

WALLMAN, James. **Stuffocation**: living more with less. London (UK): Penguin Life, 2017.

PACO
EDITORIAL



Título	Memória, cultura material e sensibilidade: estudos em homenagem a Pedro Paulo Funari
Organizadores	Alexandre Guida Navarro Raquel dos Santos Funari
Assistência Editorial	Andressa Marques Giovanna Ferreira Taís Rodrigues
Capa	Matheus de Alexandro
Projeto Gráfico	Marcio Carvalho
Assistência Gráfica	Larissa Codogno
Preparação	Andressa Marques
Revisão	Eloísa Montes Marcia Santos Taine Barriviera Renata Moreno Talita Franco Giovanna Ferreira
Formato	16x23 cm
Número de Páginas	596
Tipografia	Book Antiqua
Papel	Alta Alvura Alcalino 75g/m ²
1ª Edição	Maior de 2021

Caro Leitor,
Esperamos que esta obra tenha
correspondido às suas expectativas.

Compartilhe conosco suas dúvidas e sugestões:

sac@editorialpaco.com.br

 11 98599-3876

Publique sua obra pela Paco Editorial

EDIÇÃO DE QUALIDADE, DIVULGAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NACIONAL



Teses e dissertações

Trabalhos relevantes que representam contribuições significativas para suas áreas temáticas.



Grupos de estudo

Resultados de estudos e discussões de grupos de pesquisas de todas as áreas temáticas.



Capítulo de livro

Livros organizados pela editora dos quais o pesquisador participa com a publicação de capítulos.




Técnicos e Profissionais

Livros para dar suporte à atuação de profissionais das mais diversas áreas.

Envie seu conteúdo para avaliação:

livros@pacoeditorial.com.br

11 4521-6315

 11 95394-0872

www.editorialpaco.com.br/publique-na-paco/

Todo mês novas chamadas são abertas:

www.editorialpaco.com.br/capitulo-de-livros/

Conheça outros títulos em
www.pacolivros.com.br

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú – 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100